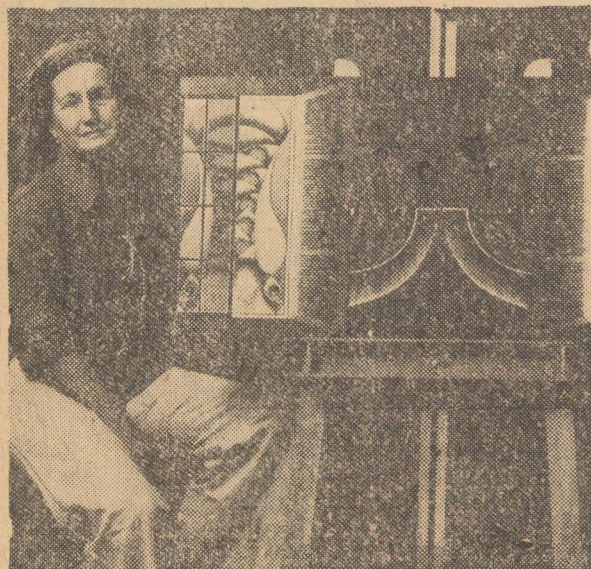


Entrevista com a pintora Odilla Mestriner. Em Seriãozinho. um Concerto da Sinfônica. Nas bancas, Reporter e Hoje TV: os três filmes de hoje.



Odilla: preocupações com a classe

Durante todo o mês passado Odilla Mestriner copôs no Teatro Cacilda Becker, de São Bernardo. Tanto lá como em São Paulo seu trabalho foi acolhido com respeito e atenção, justamente o contrário do que sempre recebeu por aqui. Mesmo ressentida, a artista não se deixa abater, e já fala em novas técnicas, novas fases e na luta pela conscientização da classe e pela regulamentação da profissão.

Odilla Mestriner não se considera feminista e nem gosta de ser chamada de primeira dama das artes ribeirãopretanas. Acha tudo isso cafonê. Aliás, ao longo de seus mais de vinte anos de trabalhos ininterruptos, sempre se afastou de rótulos. O que ela gosta mesmo de fazer é pintar e desenhar. E isso ela faz com talento e intensidade invejáveis. É uma artista nata, em tudo que faz ou vê. Quando não está pintando, está pensando em seu trabalho, buscando novas formas e soluções para seus quadros.

Durante todo o mês de novembro Odilla expôs em São Bernardo, à convite do Departamento de Cultura, no hall do Teatro Cacilda Becker. Esse período ela passou em São Paulo, onde descobriu um novo amor: a litografia (gravura a par

tir de uma matriz de pedra), que praticou incansavelmente com as amigas Renina Katz e Maria Bonomi. Viu o "1.900", de Bertolucci e fala da beleza plástica do filme com os olhinhos miúdos e azuis cintilando. Ela é assim, sempre foi: empolga-se com tudo que se relacione com a busca do belo.

Sua expressão só é tingida de cores mais graves quando fala na receptividade de seu trabalho em São Paulo e São Bernardo. Não que ele tenha sido recebido com hostilidade. Foi justamente a acolhida amiga que sempre obteve em museus e galerias da Capital que a entendeu ainda a amiga queixa: a falta de apoio, a falta de incentivo, a falta de mercado, o desprezo com que Ribeirão Preto sempre olhou não só os seus trabalhos como também

toda a criação artística elaborada entre nós.

SIMETRIA: UM REFLEXO DA CIDADE

Em fins do século passado, seus avós, imigrantes italianos, chegaram em Ribeirão e se instalaram na Fazenda Guataporã. Mas quando Odilla nasceu já moravam na cidade. Sua aproximação com a arte começou cedo, através de reproduções de murais, passáros e afrescos.

Só em 1955, com a chegada de Domenico Lazzarini na cidade e com a posterior abertura da Escolinha de Arte é que Odilla desprende-se da pintura clássica. Lazzarini ficou por aqui dois anos, e nesse período transformou o futuro da artista.

A vinda de Lazzarini para Ribeirão é um marco importantíssimo na minha vida e na minha carreira; ele destruiu qualquer vestígio de academicismo nas minhas pinturas. Não com agressividade, mas indicando caminhos mais produtivos. Foi ele, por exemplo, que percebeu meu apego ao traço e me recomendou o desenho.

A exatidão retilínea do traço habita os trabalhos de Odilla Mestriner desde esta fase. Até hoje ela segue, quase com obsessão essa simetria, estes traços rigidamente divididos.

Talvez isso seja um reflexo da cidade onde sempre vivi. Ribeirão é uma cidade retilínea, de quarteirões quase que sempre regulares. E o meu trabalho nada mais é que uma projeção da minha experiência interior, da minha alma. E se não fosse assim, não se-

ria arte, não seria nada.

Estes traços ordenadamente dispostos sempre configuravam construções arquitetônicas — casas. Casas que iam se amontoando vazias, tristes. Os 60 anos trouxeram as influências pop da arte americana e Odilla anexou a colagem diluída em sua própria linguagem.

O homem só chegaria nos 70, integrado em seu habitat urbano, representando a humanidade. Logo depois vieram as Proclamações onde estes mesmos homens marchavam em busca de algo que ainda não possuíam, de uma liberdade, de uma reafirmação. Após a fase do futebol, Odilla apaixonou-se pelo circo. Mas um circo todo especial, representado num clima cosmológico, quase que onírico, certamente mágico, onde o homem se voltava para o seu próprio interior. Era uma fase de introspecção.

Através da geometrização que a parafernália circense permite, o homem está sempre colocado em confronto consigo mesmo, equilibrado entre as forças do Bem e do Mal, que regem a vida.

Paralelamente a esta evolução conteudística sobreveio a evolução formal. As configurações a que Odilla Mestriner se lançava já não se enquadravam nos moldes habituais das molduras. Pediam novas estruturas, novas dimensões. Uma dinâmica do espaço pictórico.

Essa irregularidade formal foi-se impondo à medida que o que tinha que ser dito pedia novas estruturas, novos espaços. E meus quadros passaram dos bem compor-

tados retângulo e quadrado para os triângulos, círculos e outras formas.

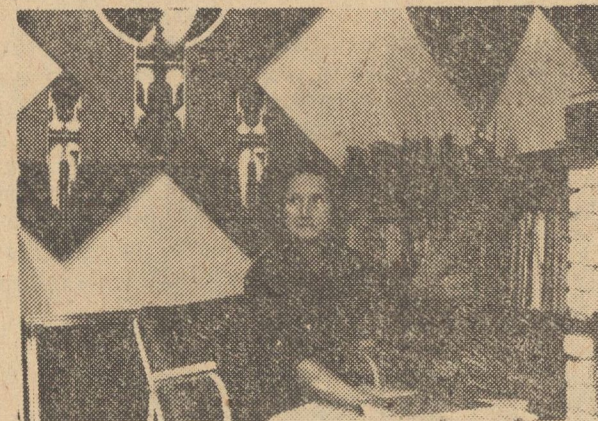
É TRABALHANDO QUE MANTENHO O MEU EQUILÍBRIO EMOCIONAL

Muito mais preocupada em reivindicar seus direitos e regulamentar a profissão do artista plástico, Odilla não dispensa muita atenção ao feminismo. Inclusive, aborda o tema com certa reticência.

Não vejo necessidade de reivindicações neste sentido, diz ela. Faço o meu trabalho, e nele coloco toda a minha energia. Se estou ultrapassando ou não o trabalho de outras pessoas — homens ou mulheres — isso não vem a caso. E se vem, é para incentivar e não para competir.

O papel do artista na sociedade, a consciência de classe, a conscientização do público e o que representa para ela o seu trabalho. Estes são temas que empolgam a artista: «Gosto do que faço, gosto de trabalhar. E assim que mantenho o meu equilíbrio emocional. O papel do artista? Se integrar a seu tempo, produzir uma obra que reflita a sua época.

A receptividade de seu trabalho aqui na cidade é motivo para velhos ressentimentos. E é justamente isso que a tem fascinado em São Paulo: «Lá, o meu trabalho chegou primeiro, abriu as portas para que eu fosse depois. Justamente o inverso do que sempre aconteceu por aqui: o meu trabalho é aceito mais ao nível da amizade, por pessoas que me querem bem. E o mais incrível, é que o meu trabalho, toda a minha obra, é calcada



"Não será trancado neste atelier que meu trabalho atingirá as pessoas".

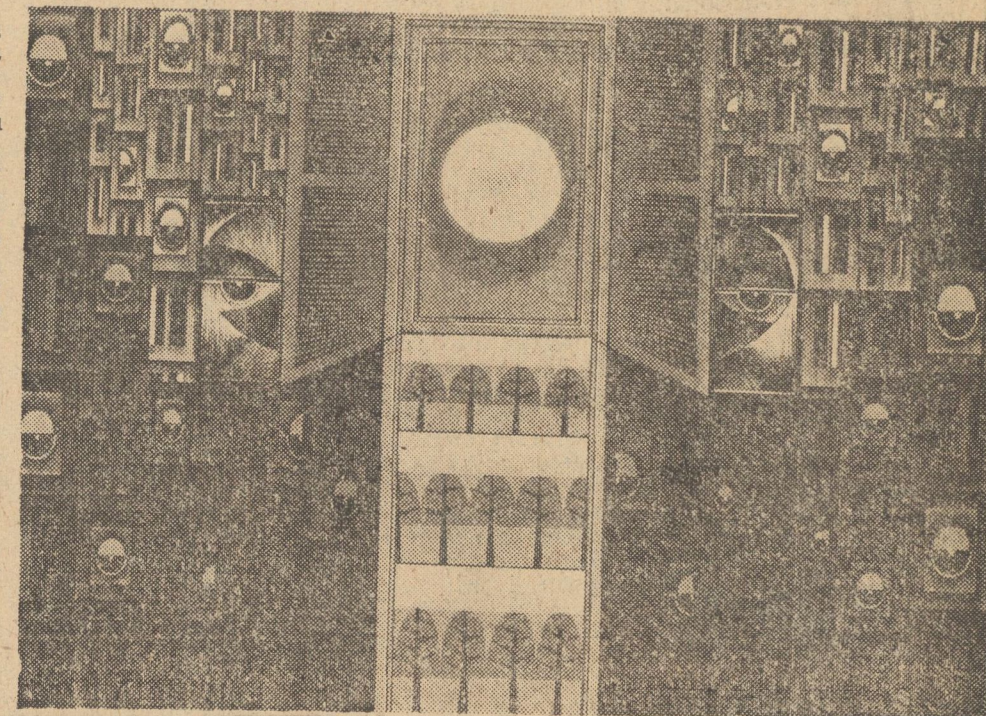
em passagens vividas alertada pelos pais, Odilla aqui, em experiências rítmicas, foi se registrar no beirãopretanas. INPS.

Há algumas semanas, — Afinal, nós, os ar-

tistas, também ficamos doentes, né? Envelhecemos, essas coisas. Então, lá, fui eu. Sabe o que me disseram lá? Que a minha profissão não existia, e que se eu quisesse que registrasse como costureira, lavadeira. Cê acha?

Por essas e outras é que Odilla Mestriner coloca a união e conscientização da classe sempre em primeiro lugar.

Depois que fomos reconhecidos como profissionais é que poderemos a começar a pleitear os nossos direitos. Nosso trabalho é a nossa mercadoria, e ela tem que ser colocada, tem que atingir as pessoas. E não será fechada aqui nesta sala que vamos conseguir isso.



"Fantástico Urbano", um desenho de 1977: nas urbes, pouco espaço para o homem e para a natureza.